
ENSINO FUNDAMENTAL – 7º ANO – GEOGRAFIA VOLUME ÚNICO

Apostila do 7º ano do Ensino Fundamental, escrita pelo Instituto São Carlos Borromeu. O conteúdo é indicado para estudo individual domiciliar, apoio escolar ou como material didático escolar.





GEOGRAFIA



AULA 04

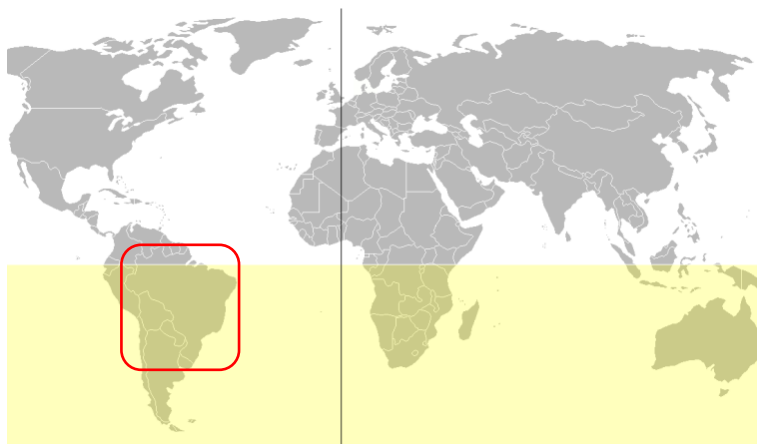
BRASIL CARTOGRÁFICO

LOCALIZANDO O BRASIL

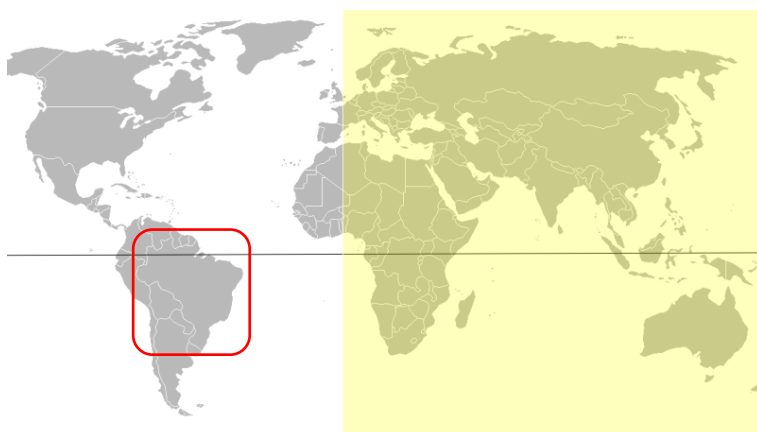


Brasil está localizado no Ocidente, estando sua maior parte no Hemisfério Sul, e uma pequena área da região Norte do país no Hemisfério Norte. Saber a localização de nosso país é de extrema importância para ter claras algumas influências naturais que isso acarreta, como, por exemplo, no nosso clima. Devido à posição em que estamos, sofreremos uma ação mais intensa dos raios solares, por causa da esfericidade da Terra e da inclinação de seu eixo, resultando em um agradável clima tropical.

Hemisfério Norte e Sul



Hemisfério Ocidental e Oriental



Outro ponto importante é o tamanho do Brasil. O ponto extremo setentrional (Norte) fica no estado de Roraima, na nascente do rio Ailã (monte Caburaí), fronteira com a Guiana; e o ponto extremo meridional (Sul) fica no Rio Grande do Sul, numa das curvas do Arroio Chuí, próximo à fronteira com o Uruguai. Traçando uma linha reta entre esses dois pontos, temos uma distância de 4.398 km.

Um fato interessante é que, se partirmos em linha reta do Caburaí até o ponto mais próximo nos Estados Unidos, chegamos à Flórida, em uma distância de 3.882 km; fazendo o mesmo com o Canadá, atingimos 4.272 km. Ou seja, é mais perto viajar para esses dois países do que sair do extremo norte do Brasil para seu extremo sul. Na realidade, o Brasil é tão grande que todos os países da América estão mais próximos do Monte Caburaí do que o Chuí.



*Mapa do Brasil com destaque para a distância entre seus pontos extremos.
Os números variam conforme a fonte*

O ponto extremo oriental (leste) fica no estado da Paraíba, na Ponta do Seixas; e o ponto extremo ocidental (oeste) fica no estado do Acre, na Serra da Contamana, nascente do Rio Moa (fronteira com o Peru). A distância entre esses dois pontos, em linha reta, é de 4.336 km. O centro geográfico do Brasil é a Barra do Garças (MT).

Analisando estes dados, não é difícil concluir que o Brasil é um país grande em extensão territorial. Na realidade, além de ser o 5º maior país do mundo, é também o 3º maior país da América em extensão, ficando logo atrás do Canadá e dos Estados Unidos; possui a segunda maior população americana, perdendo somente para os Estados Unidos, e é o terceiro país mais rico da América.

Por tudo isso tem uma influência muito grande em todo o continente americano, especialmente nos países da América do Sul.

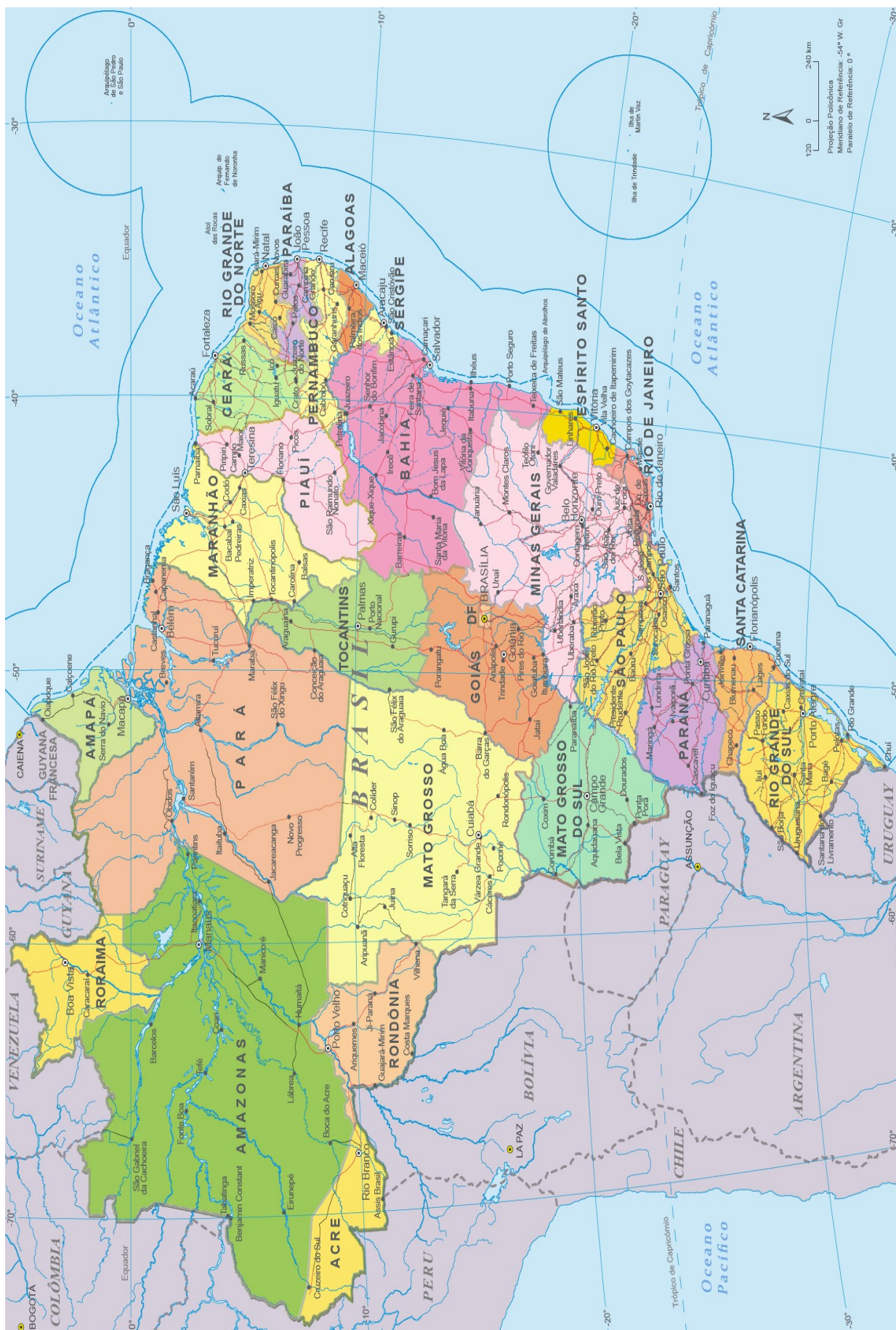


Mapa de comparação entre o tamanho dos Estados Unidos e o do Brasil, dando, também, certa dimensão do tamanho do Canadá. Embora, no mapa, o Brasil pareça ter um tamanho bem próximo ao dos Estados Unidos, aí não se levou em consideração o estado do Alasca, que possui uma área de 1.718.000 km².

ATIVIDADES

1. Escreva os principais elementos da localização do Brasil no mundo.
2. Faça um mapa político do Brasil em uma folha de papel vegetal, adotando as seguintes recomendações:
 - 1º. Desenhe os contornos do mapa político do Brasil (o país e os estados) na folha de papel vegetal (utilize o mapa da próxima página). Não é necessário ilustrar.
 - 2º. Nos espaços em branco, dentro de cada unidade federativa (estado), preencha colocando sua sigla e sua capital em sua demarcação correta.
 - 3º. Coloque os elementos do mapa: título, legenda, fonte, escala e orientação (rosa dos ventos), quando houver.

4º. Com a cola bastão, cole uma folha de papel sulfite atrás do mapa para dar maior nitidez ao desenho. Depois, cole o mapa no caderno de Geografia.





AULA 07

REGIONALIZAÇÃO DO ESPAÇO BRASILEIRO

INTRODUÇÃO



entro da Geografia, estudaremos o Brasil, e você já deve ter percebido que ele é um país grande, cheio de histórias e costumes diferentes. De fato, em cada canto do país percebemos muita diversidade natural e cultural, ocasionada pela posição geográfica, pelos fenômenos naturais específicos de cada região e por causa da influência de diferentes povos que vieram para o Brasil e marcaram nossa história, positiva ou negativamente.

Sendo assim, é notória a importância de estudarmos as partes para entendermos melhor o todo. E, como já fizemos um estudo geral, poderemos agora analisar o específico.

Nas próximas lições estudaremos o Brasil dividido em cinco regiões, não para compartimentalizar e fragmentar o conhecimento, mas para que tentemos enfatizar o estudo, olhando o micro para entender o macro espaço e vice-versa.

PARA QUE REGIONALIZAR?

O mundo atual é constituído por muitos países distintos e outros semelhantes no âmbito cultural, econômico, natural, político, etc. Atualmente, existem 246 países no mundo, e por este número deve-se concordar em que são muitos e por isso, para poder estudá-los de uma forma simplificada sem perder sua essência histórica, cultural e espiritual, é interessante analisá-los em conjunto, ou seja, dividindo-os em **regiões**.

Estas correspondem a um conjunto de áreas que apresentam características semelhantes que as distinguem e as identificam, quando comparadas a outras áreas. Porém, para incluir ou excluir uma área ou país de uma região, devem ser seguidos alguns critérios de divisão do espaço. Estes critérios fazem parte da **regionalização**.

Os critérios utilizados para regionalizar uma parcela do espaço geográfico, no caso do Brasil, podem ser vários, entre os quais tipos de clima, formações vegetais, localização geográfica, distribuição do relevo terrestre, formação cultural, atividades econômicas,

entre muitos outros, dependendo do que se pretenda estudar, ou seja, para um climatólogo lhe interessam os mapas divididos em regiões de acordo com os fenômenos meteorológicos, para um biólogo as regiões divididas em biomas, e assim por diante.

O Brasil pode ser analisado sozinho, como um país, mas pode também ser estudado no conjunto da América do Sul, com os países que lhe são mais próximos. Ao mesmo tempo, pode ser analisado em uma macrovisão, observando todo o continente americano, ou ser estudado por regiões dentro de seus limites nacionais, que é o que faremos.

IBGE – DIVISOR DE TERRAS

O órgão responsável pela divisão do Brasil em regiões é o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Atualmente, ele se constitui no principal provedor de dados e informações do país, que atendem às necessidades dos mais diversos segmentos da sociedade civil, bem como dos órgãos das esferas governamentais: federal, estadual e municipal.



Sede do IBGE no Rio de Janeiro

Desde a época em que o Brasil se tornou independente, já havia certa dificuldade em contabilizar informações estatísticas de nosso país, no âmbito natural, político, econômico e cultural.

A carência de um órgão capacitado para articular e coordenar as pesquisas estatísticas, unificando a ação dos serviços especializados em funcionamento no país, favoreceu a criação, em 1934, do Instituto Nacional de Estatística – INE, que iniciou suas atividades em 1936. No ano seguinte, foi instituído o Conselho Brasileiro de Geografia, incorporado ao INE, que passou a se chamar, então, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹².

Desde então, o IBGE identifica e analisa o território, conta a população, mostra como a economia evolui através do trabalho das pessoas, revelando ainda como as pessoas vivem e manifestam sua cultura. O IBGE dividiu o país em regiões para que melhor pudesse analisá-lo.

No entanto, a divisão territorial de nosso país é bem antiga, iniciando-se poucos anos depois do descobrimento.

¹² Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/institucional/o-ibge.html>.

DIVISÃO TERRITORIAL DO BRASIL

Desde a época do descobrimento já se faziam mapeamento e levantamento de dados do Brasil em vista de dividi-lo em regiões para uma melhor administração, mas, como ainda não se tinha equipamento e pessoal suficiente para isso, ainda não era possível fazer algo oficial e bem determinado.

A primeira divisão territorial do Brasil se deu por meio do **Tratado de Tordesilhas (1494)**, na qual 300 léguas a oeste das Ilhas Canárias ficariam sob domínio de Portugal, e a porção oeste deste limite pertenceria à Espanha.



A segunda divisão se deu quatro décadas depois, em **1534**, quando o território brasileiro (ainda sob o domínio dos portugueses) se dividiu em **capitanias hereditárias**, fragmentando nosso território em 15 lotes de terra.

O rei português Dom João III tomou tal atitude para conter as invasões dos franceses, dando certo poder administrativo aos capitães donatários – comerciantes ou militares ligados de alguma forma à nobreza portuguesa – para que povoassem, defendessem e explorassem as capitanias.

Porém somente as capitanias de São Vicente e Pernambuco prosperaram, enquanto as outras passavam por diversas dificuldades. Por esta razão, esse sistema de capitanias foi substituído, em **1548**, pelo modelo de **governos gerais**. Neste modelo, as capitanias não deixaram de existir, mas foram unificadas sob a administração de um governo geral do Brasil. Um ano depois, é fundada a primeira capital do Brasil, Salvador.



Do século XVI ao início do XIX foram criadas capitanias e territórios, seja por meio de mudanças administrativas naquilo que já existia, ou por conquistas de novos espaços, bem como pela perda de outros, dando ao Brasil uma configuração bem próxima da que conhecemos na atualidade. Neste meio-tempo, as formas de governo também variaram bastante, e até os espanhóis chegaram a administrar nosso território por um período e lutaram por terras em outros.

Outra mudança territorial de destaque se deu em **1822**, na época da independência de nosso país. Nela o Brasil ainda não se dividiria por regiões como conhecemos hoje, mas ficaram estabelecidas **19 províncias**, entre as quais se encontrava a Cisplatina¹³, atual Uruguai. Veja o mapa a seguir:



¹³ Em 1828, a província da Cisplatina consegue sua independência e surge o Uruguai.

Ao longo do século XIX, além da Cisplatina, outras províncias sofreram alterações, dividindo-se em novos territórios, como foi o caso de São Paulo, que, em 1853, cedeu espaço ao novo território do Paraná, que havia se emancipado; a província do Grão-Pará também se dividiu em duas, surgindo os estados do Amazonas e do Pará. Outras províncias, como a de Santa Catarina, Pernambuco e Mato Grosso, tiveram apenas alterações em sua extensão territorial ou em seus limites de província.

Sendo assim, quando foi imposto o regime republicano, em 1889, o Brasil estava dividido em 20 estados. Confira o mapa a seguir:



Embora tenham ocorrido várias alterações em nosso território até este período, foi somente em 1913 que ocorreu a primeira divisão do Brasil em regiões. Nela o Brasil dividia-se em cinco regiões, segundo o aspecto físico de nosso país: Setentrional, Norte Oriental, Oriental, Meridional. Um dos motivos desta nova divisão foi aperfeiçoar o ensino de geografia nas escolas.

Neste período, ainda não existiam os estados do Amapá, de Roraima e do Mato Grosso do Sul. Veja o mapa ao lado:

Em 1940 ocorre uma nova redistribuição do território brasileiro, passando a ser dividido em cinco regiões: Norte, Centro, Nordeste, Sul e Leste. Nesta época, os estados do Paraná, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, de São Paulo e do Rio de Janeiro pertenciam à região Sul.

O responsável por esta divisão foi o próprio IBGE, começando seu trabalho de “divisor de terras” do Brasil. Contudo, como dissemos anteriormente, podem existir vários elementos que sirvam de base para tal divisão. O Instituto começou, na década de 1940, tomando por base as diferentes fisionomias naturais do Brasil, principalmente a vegetação, semelhantemente ao que foi feito com o mapa de 1913. Mas ainda era impreciso, pois existem especificidades e junções entre os espaços brasileiros.



Por esta razão, decidiu-se fazer nova divisão territorial em 1945, com o Brasil sendo repartido em sete regiões: Norte, Nordeste Ocidental, Nordeste Oriental, Centro-Oeste, Leste Setentrional, Leste Meridional e Sul. Foram criados territórios como Rio Branco (atual estado de Roraima) e Iguaçu (porção oeste de Santa Catarina e Paraná).



Com o tempo, foram escolhidos novos elementos para serem tomados por base para divisão de um território, o que fez com que, em 1970, fosse feita uma nova alteração em nosso território. Foi estabelecido que o Brasil fosse dividido em cinco regiões, semelhantes ao que conhecemos hoje: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste.

Até este momento, além da nova divisão das regiões, tivemos também algumas mudanças nos estados federativos: a capital do Brasil foi transferida para Brasília (1960), que antes se localizava no município neutro do Rio de Janeiro, e este se transforma no estado da Guanabara, enquanto o território restante passa a se denominar Rio de Janeiro; em 1962, o território federal do Acre foi elevado a estado, e o território federal do Rio Branco passou a se chamar território federal de Roraima; em 1975, o estado da Guanabara é extinto e se funde com o estado do Rio de Janeiro, convertendo-se em sua capital; em 1979 o estado do Mato Grosso é desmembrado para a criação do estado do Mato Grosso do Sul, cuja capital é Campo Grande.

Mapa do Brasil



Finalmente, em 1990, o IBGE bateu o carimbo e apresentou a divisão oficial regional brasileira, ficando o país dividido em cinco partes: Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste. Além disso, a Constituição de 1988 extingue os últimos territórios federais no Brasil, Amapá e Roraima, que são elevados à categoria de estados; também o arquipélago de Fernando de Noronha deixa de ser um território federal e passa a ser um distrito do estado de Pernambuco.

ATIVIDADES

1. Defina região e regionalização.
2. Escreva sobre como se deu criação do IBGE e qual é a sua função.
3. Como se deu a primeira regionalização do espaço brasileiro?
4. O que foi feito no ano de 1822 com relação às capitanias?
5. Quando foi feita a primeira divisão do Brasil por regiões? Quais eram?
6. Quando foi feita a última mudança territorial brasileira?



AULA 11

SUB-REGIÕES NORDESTINAS

Nesta aula, daremos continuidade ao nosso estudo sobre as sub-regiões nordestinas.

AGRESTE



palavra agreste tem origem no latim e significa ‘paisagem campestre’. Essa sub-região envolve uma área que vai do Rio Grande do Norte à Bahia, passando pelos estados da Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe.

É uma área de transição entre a Zona da Mata e o Sertão semiárido. Na face leste do Agreste, mais próximo à Zona da Mata, o clima é mais úmido e a paisagem mais verde e cheia de brejos. À medida que se avança para o interior, aproximando-se do sertão, o clima fica cada vez mais seco e a paisagem mais árida e sem vida. Ele abarca uma área de 24.400 km² e uma população de aproximadamente 2,7 milhões de habitantes. Praticamente, o que delimita o Agreste é o Planalto da Borborema e seu entorno. São mais de 10 municípios localizados nessa área.

Os terrenos mais férteis são os brejos que ficam nas encostas do Planalto da Borborema. Os brejos são áreas úmidas e de solo fértil, devido à sua localização próxima ao pé do planalto, pois há maior fluxo de água que escoar sobre ele. Nos brejos, não há seca; ao contrário, há água o ano todo, que é aproveitada pelos minifúndios, onde predominam as culturas de subsistência nessas partes mais úmidas e a pecuária leiteira nas partes mais secas. Ambas as atividades fazem jus ao nome “agreste”, pois preenchem boa parte da paisagem. Seus produtos abastecem o maior mercado consumidor do Nordeste.

Pela quantidade de morros e serras, como o já citado Planalto da Borborema, adentrar nessas áreas agrestes, não era tarefa fácil; por isso o povoamento dessa região deu-se um pouco mais tarde. Começou a haver maior movimento quando os vaqueiros, que cuidavam do gado das fazendas do Sertão, foram entrando, abrindo cacimbas e bebedouros e plantando nos brejos.



Serra da Araruna, Parque Estadual da Pedra da Boca, no planalto da Borborema

Nesta sub-região existe uma cidade chamada Nova Jerusalém, onde todo ano é realizado um teatro da Paixão de Nosso Senhor, movimentando a cidade inteira. São essas as raízes católicas que foram sendo plantadas desde os primórdios do Brasil.

SERTÃO

Sertão vem do latim *sertanus*, que significa área deserta ou desabitada, que por sua vez deriva de *sertum*, que significa bosque seco. O sertão estende-se pelos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe. Apresenta-se como a área com maiores dificuldades do Nordeste, seja no âmbito econômico, no natural ou no social.

Grande parte desta sub-região está no que é denominado “polígono da seca”, no centro da região Nordeste. Abrange uma área de 980 mil km², sendo classificada como a maior sub-região do Nordeste. Talvez seja esta a razão da rotulação dada ao Nordeste de ser uma região pobre e seca.

A vegetação predominante é a caatinga, onde se destacam o umbuzeiro, o xique-xique, o mandacaru e a palma, que são plantas resistentes ao solo seco (xerófitas).



Somado a isso, a região também se caracteriza por ser uma área de transição entre o Cerrado e a Caatinga, com regime de chuvas muito baixo e irregular, marcado por secas intensas, ainda que sejam sazonais, pois nas épocas de chuva aparece mais vida. O clima

de destaque é o semiárido, mas há alguns espaços onde se aproxima mais do árido, formando “ilhas” desérticas.

Por essa razão, há baixo índice demográfico e forte dispersão demográfica (população espacialmente dispersa).

Nas épocas de chuva, os sertanejos vão para as áreas mais férteis para tentar conseguir um emprego temporário nas colheitas das plantações, especialmente na Zona da Mata. Além disso, devido à escassez de água durante boa parte do ano, são comuns as cisternas e os açudes, que armazenam a água disponível no período de chuvas que costumam cair de forma concentrada durante aproximadamente três meses do ano, nos quais a vegetação parece renascer.

No Sertão dos estados do Piauí, do Ceará e do Rio Grande do Norte, encontram-se grandes áreas de lavoura de algodão arbóreo de fibra longa e muito resistente, que abastece as indústrias têxteis do Vale do Cariri (Ceará).

No vale do Rio São Francisco (mais fértil e úmido), em Pernambuco e na Bahia, desenvolve-se a agricultura de irrigação, com o cultivo de frutas, abastecendo o mercado interno e externo. A bacia do Rio São Francisco é a maior da região e a única fonte de água perene para as populações que habitam suas margens. Por isso há maior concentração demográfica no seu entorno.

A cultura do Sertão nordestino está intimamente ligada ao clima, como é fácil perceber, e à história de sua habitação, pois foi a primeira região interiorana do Brasil a ser habitada. Devido ao domínio das grandes plantações de cana-de-açúcar que se desenvolviam nas regiões mais úmidas, a criação de gado avançou pelo Sertão e até hoje é uma das principais atividades da região, e, ainda que incipiente se comparada à das regiões Centro-Oeste e Sul, caracteriza o modo de ser do sertanejo nordestino.

MEIO-NORTE

Esta sub-região constitui a maior parte do Maranhão e grande porção do Piauí, compreendendo uma área de 480.000 km² e uma população com mais de 1,5 milhão de habitantes. É uma área de transição entre a Floresta Amazônica e o Cerrado. Ao mesmo tempo, também é área de transição entre o Cerrado e a Caatinga. Sendo assim, é uma faixa de transição entre a Amazônia e o Sertão semiárido nordestino.

Devido à proximidade da Floresta Amazônica, o ambiente é bastante úmido. Por isso sua vegetação é caracterizada por matas de cocais. Esta apresenta-se como uma vegetação de transição, constituída sobretudo por palmeiras, principalmente a carnaúba e o babaçu.

Essas duas palmeiras apresentam grande importância econômica para a região, servindo de complementação para a população de baixa renda que não consegue na agricultura de subsistência o suficiente para sua sobrevivência.

A carnaúba é típica do Cerrado, sendo dela extraídos cera e óleo, que servem como matérias-primas para a fabricação de ceras, velas, lubrificantes, entre outros produtos. O babaçu por sua vez, predominante no Maranhão e no norte do Tocantins, é usado para fabricar um óleo presente em cosméticos e em aparelhos de alta precisão, e dele também se extrai o palmito.



Carnaúba

Palmeira de babaçu

O índice pluviométrico é relativamente alto, sobretudo por causa da influência do movimento da massa equatorial atlântica (MEA), classificando-se o clima como tropical úmido.

As principais atividades econômicas são:

- I. Extrativismo vegetal: extração do babaçu e da cera de carnaúba.
- II. Extrativismo mineral: jazidas de ferro, manganês, cobre e níquel.
- III. Cultura do arroz, soja, milho e algodão.
- IV. Criação de gado rudimentar.

ATIVIDADES

1. Sobre o Agreste, responda:

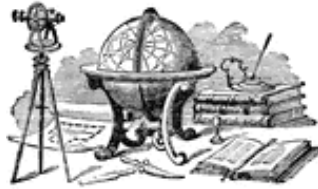
- a) Onde se localiza?
- b) Como se caracteriza sua paisagem?
- c) Por que há a presença de brejos nessa região?
- d) Qual é a importância dos brejos para a economia local?

2. Sobre o Sertão nordestino, responda:

- a) Qual é a principal característica desta sub-região?
- b) Qual é a vegetação e o clima de destaque?
- c) O que os sertanejos fazem na época de chuva?
- d) Qual é a importância da bacia do Rio São Francisco?

3. Sobre o Meio-Norte, responda:

- a) Quais são os estados que fazem parte desta sub-região?
- b) Como se caracteriza a vegetação local? Cite seus dois principais tipos.
- c) Embora esteja ao lado do Sertão, por que possui mais umidade e vegetação mais exuberante?



AULA 14

GEOGRAFIA FÍSICA DA REGIÃO SUDESTE

DOMÍNIOS MORFOCLIMÁTICOS



Região Sudeste possui um domínio morfoclimático principal, o domínio de Mares de Morros. Além dele, há várias áreas com faixas de transição em que se misturam o domínio dos Mares de Morros com Cerrado e dos Mares de Morros com o domínio das Araucárias. Veja o mapa a seguir:



Além de se localizar nas faixas de transição, o domínio das Araucárias se localiza no sul do estado de São Paulo, em regiões de altitude, como nos municípios de Campos do Jordão e Serra da Bocaina. Já o domínio do Cerrado, tem uma representatividade pequena,

localizando-se em pequenas “ilhas” espalhadas pelos estados de São Paulo e Minas Gerais (especialmente nas bacias dos rios São Francisco e Jequitinhonha). O domínio de Mares de Morros, abrange quase todo o litoral brasileiro, mas sua maior concentração se dá na região Sudeste, além de em vários pontos dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

O principal domínio morfoclimático do Sudeste possui esse nome “Mares de Morros”, porque o relevo principal é o planalto, com muitos morros e serras, especialmente no estado de Minas Gerais, dando a impressão de existirem verdadeiros mares de morros. Alguns exemplos de relevo são a Serra do Mar, a Serra da Mantiqueira, a Serra Geral, a Serra da Canastra e a Serra do Espinhaço.



Mapa físico da região Sudeste do Brasil

Sendo assim, o relevo alto (acima de 600 metros), clima tropical chuvoso que ocasiona forte erosão, possibilitaram a formação de um solo rico em fertilidade, especialmente o que recebe o título de terra roxa.

O principal tipo de vegetação consiste na Mata Atlântica, formada por florestas muito densas, contando com uma das maiores biodiversidades mundiais em árvores. Supõe-se que compreenda de 33 a 36% das espécies existentes no Brasil, com árvores que atingem até 40 metros de altura, como cedro, canela, ipê, jacarandá, jatobá, jequitibá¹⁸,

¹⁸ Na cidade de Santa Rita do Passa Quatro (interior de São Paulo), há um parque que abriga um jequitibá de mais de 600 anos, outros afirmam que possui mais de 3000 anos (as pessoas da cidade optaram por escolher a segunda opção), em tempos do reinado do rei Davi, quando nossa América ainda possuía

coqueiros e pau-brasil. Este, pelo alto valor comercial, foi muito extraído nas primeiras décadas após o descobrimento do Brasil.



Somado a isto, como os europeus habitaram primeiramente a costa brasileira, é evidente que teriam que cortar árvores para ganhar espaço de moradia, usando inclusive a madeira dessas árvores cortadas para benefício próprio.

Esses fatores, por mais legítimos que sejam na maioria dos casos, ocasionaram o desaparecimento das florestas originais da Mata Atlântica, restando hoje somente 2% da vegetação original.

A Região Sudeste possui 3 principais climas que a compõem e lhe dão a aparência verdejante encantadora de suas paisagens: clima tropical, tropical úmido e tropical de altitude. Embora os três sejam tropicais, existem diferenças específicas entre eles.

O clima Tropical é caracterizado por apresentar temperatura quente (média de 20 °C) e alta concentração de umidade. Além disso, possui uma estação chuvosa (verão) e outra seca (inverno) bem definidas. Ele engloba toda a periferia da Região SE.

O principal clima da Região, como já mencionamos, é o tropical úmido, que abrange a faixa litorânea, desde o estado de São Paulo até o Rio Grande do Norte. Sua temperatura é superior à 20 °C, precipitação entre 1.500 e 2.000 mm/ano¹⁹ e inverno muito frio, devido à Massa de ar Polar (fria e seca) vinda da Antártida.

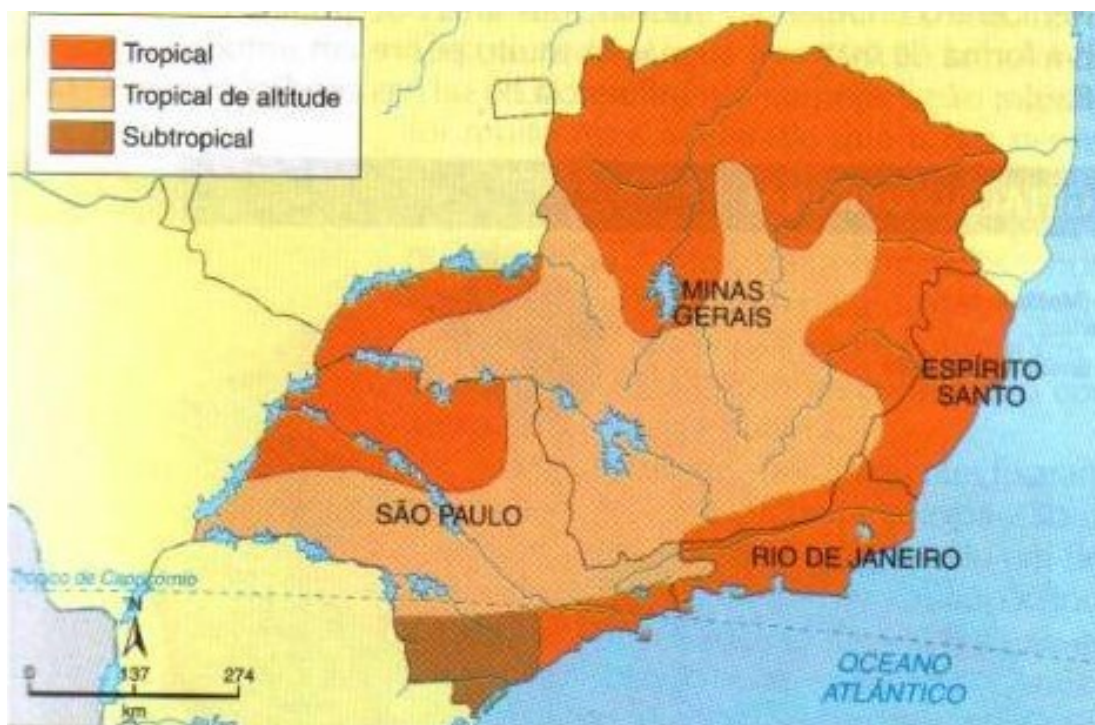
somente ameríndios. Sua altura é de 42 metros, equivalente a um prédio de 13 andares e suas raízes podem chegar a ter até 15 metros de extensão.

¹⁹ A quantificação da chuva em milímetros se dá por meio da coleta de água provenientes da chuva em aparelhos chamados de pluviômetros. Esses aparelhos meteorológicos são destinados a medir, em milímetros, a altura da lâmina de água gerada pela chuva que caiu numa área de 1m². Dizer que em uma região choveu 100 mm significa dizer que em uma área de 1 m², a lâmina de água formada pela chuva que caiu apresenta uma altura de 100 milímetros. Dizer que a precipitação gira em torno de 1500

O clima tropical de altitude inclui a parte central da Região Sudeste. Tem esse nome devido à presença do relevo acentuado (média de 1000 metros de altitude). Por estar em áreas mais altas, a média de temperatura é inferior à 18 °C.

A precipitação fica concentrada no verão, com 1500 mm/ano, sendo influenciada pela Massa de ar Tropical Atlântica (quente e úmida) vinda do Oceano Atlântico, causando enchentes e deslizamentos de encosta em algumas áreas.

Nas épocas mais frias, diminui a chuva, devido a ação da Massa Polar Atlântica (parcialmente seca e fria), que mesmo ocasionando frentes frias e provocando muitas chuvas na Região Sul, no Sudeste causa baixas temperaturas e umidade.



Mapa com os principais climas da região Sudeste

Os desafios naturais que ocorrem nessas áreas do domínio dos Mares de Morros são dois principais: enchentes e deslizamento de encostas; o primeiro sendo mais comum em São Paulo, sobretudo, na capital estadual; e o segundo no estado do Rio de Janeiro. Ambos são de ocorrência natural, mas podem se intensificar com a ação antrópica.

No primeiro caso, o que causa uma enchente é a ação direta da chuva sobre o rio, e o escoamento de água que vem até ele, também originado pela chuva. Muitos rios possuem épocas de cheia e épocas de seca, chamados, por isso, de rios intermitentes.

No caso do Sudeste, em que o clima se caracteriza por possuir épocas certas de maior quantidade de chuvas, este fator influencia no volume de água do rio. Ocorrem as chamadas **planícies de inundação**.

O que faz com que o volume do rio aumente mais e de maneira rápida, são alguns fatores naturais, como o tipo de solo que pode impedir a infiltração de água, fazendo com

mm/ano, significa que foi feita uma média mensal da quantidade de chuva precipitada e calculada pelo pluviômetro.

que ela escoar até os pontos mais baixos, onde geralmente estão localizados corpos d'água, além de quantidade de chuva e árvores que fazem com que o escoamento seja mais lento, proporcionando maior infiltração da água.

Mas, também existem fatores humanos bastante relacionados com os fatores naturais, pois ao construir calçadas e ruas, ações normais, o solo se torna impermeável; além disso, quando se joga lixo na rua, a chance dos bueiros e ralos públicos entupirem é maior, causando escoamento para as áreas mais baixas (rios). O desmatamento de árvores é outro fator de destaque.

O segundo caso é imprevisível e ocorre geralmente em morros de alta declividade (inclinação). Nestes locais há geralmente favelas e estradas que exigem desmatamento e retirada do solo, ocasionando a fragilidade e instabilidade deste, resultando no deslizamento. Porém, isso não quer dizer que isto ocorre somente pela ação humana. Existem alguns fatores naturais que também propiciam o fenômeno, como o tipo de solo, clima chuvoso, declividade acentuada e falta de vegetação, mesmo não havendo qualquer tipo de construção próximo a esses locais de risco.

ATIVIDADES

1. Sobre o domínio morfoclimático dos Mares de Morros, responda:

- a) Qual é o principal tipo de relevo?
- b) Quais são os outros domínios que se misturam a este domínio nas faixas de transição?
- c) Qual é o principal tipo de vegetação? Por que foi muito desmatada?
- d) Quais são os três principais climas?
- e) Quais são os dois principais desafios naturais da região?



AULA 17

REGIÃO SUL – PARTE I

DADOS GERAIS



região Sul é a menor das cinco regiões em sua extensão territorial, com uma área de 576.410 km² — um pouco maior que a França, mas um pouco menor que o estado de Minas Gerais —, o que corresponde a 6,77% da área total do país. A região comporta apenas três estados: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. É limitada ao norte pelos estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul, ao sul pelo Uruguai, a oeste pelo Paraguai e pela Argentina, além de ser banhada a leste pelas águas do Oceano Atlântico.

Possui cerca de 29.933.315 habitantes (estimativa do IBGE — 2022), dividida entre os estados, tendo o Paraná (PR — Curitiba) 11.444.380 habitantes; Santa Catarina (SC — Florianópolis) 7.610.361; e o Rio Grande do Sul (RS — Porto Alegre) 10.882.965 habitantes. A densidade demográfica é de 53,19 habitantes por km².

É a única região brasileira localizada abaixo da zona tropical, tendo, por isso, grandes influências no clima. Contudo, a parte norte da região situa-se acima do Trópico de Capricórnio.

A região engloba quase 1.200 municípios, sendo que as principais cidades são Curitiba (capital do Paraná), Porto Alegre (capital do Rio Grande do Sul),



Florianópolis (capital de Santa Catarina), Joinville, Londrina, Caixas do Sul, Maringá, entre outras.

Um dos principais destaques da região Sul está na sua formação cultural, especialmente por causa dos imigrantes europeus, sobretudo os italianos e os alemães, que trouxeram grande influência nos costumes, na arquitetura de algumas cidades, no idioma e na culinária, inclusive no crescimento das cidades. A maioria das festividades sulistas tem a ver com algum aspecto europeu, seja gastronômico, seja artístico, seja cultural, ou todos esses juntos. Além deles, os jesuítas tiveram também grande participação na formação religiosa, cultural e estrutural da região.

Embora seja pequena em tamanho, a região Sul é forte na economia, tendo uma participação de mais de 16% no PIB nacional. Durante o processo de sua formação territorial, a economia sulista era baseada essencialmente na agricultura, tendo grande ligação com os trabalhadores imigrantes que vieram morar na região. Posteriormente, com a chegada da industrialização, abriram-se novos horizontes para o progresso sulista.

Na atualidade, a pecuária é a principal atividade econômica, em extensão territorial, e percebemos isso facilmente ao notarmos a tradicional prática de comer churrasco entre os gaúchos e as vastas áreas naturais de gramíneas (pampas gaúcho), que proporcionaram melhor desenvolvimento a essa atividade.



Amanhecer do dia em Bagé, uma das cidades do Pampa Gaúcho.

Entretanto, a agricultura tem o melhor rendimento e maior número de trabalhadores. Há ainda um bom desenvolvimento industrial, especialmente na transformação dos materiais agrícolas em produtos industrializados. O setor de transportes é muito favorável por causa do relevo da região, e isso facilita a implantação de uma boa malha ferroviária e rodoviária.

Quando se trata de índices sociais, a região Sul possui números acima da média brasileira e das demais regiões em vários aspectos: possui o maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil, 0,798 (2019); é o terceiro maior PIB per capita do país. A região é também a mais alfabetizada, 95,2% da população, e a com menor incidência de pobreza.

Mais de 85% da população da região Sul vive na zona urbana, sendo que a maioria se encontra nas regiões metropolitanas das três capitais, devido à concentração dos principais serviços e oportunidades de empregos. No extremo sul do Rio Grande do Sul, há a criação intensiva de gado, com alto emprego tecnológico e portanto pouca mão de obra. Diante disso, esta área do estado possui baixa densidade demográfica.

ATIVIDADES

1. Quais são os estados pertencentes à região Sul? Escreva também as capitais estaduais de cada um.
2. Escreva o nome dos países que fazem fronteira com a região Sul.
3. Qual é a importância dos europeus na formação da região Sul?
4. Quais são as principais atividades econômicas exercidas na região Sul?



AULA 24

AVALIAÇÃO

Nome: _____

Instituição: _____

Ano: _____ **Data:** _____

AVALIAÇÃO DE GEOGRAFIA

1. Escreva o nome de todos os estados da região Sul, suas siglas e o nome de suas capitais.
2. Qual é a importância dos europeus na formação da região Sul?
3. Descreva o clima, a vegetação e o relevo dos dois domínios morfoclimáticos da região Sul.
4. Por que as geadas são um problema para os sulistas?
5. O que eram as reduções? Por que a sua destruição atraiu muitas pessoas?
6. Escreva o nome de todos os estados da região Centro-Oeste, suas siglas e o nome de suas capitais estaduais (o Distrito Federal deve ser incluído na questão).
7. Até a década de 1950, a região Centro-Oeste era considerada “outro Brasil”. O que ocorreu após essa década que impulsionou seu crescimento?
8. Dê as principais características do domínio morfoclimático do cerrado.



AULA 27

HISTÓRIA E FENÔMENOS DO RIO AMAZONAS



Para conhecermos a história do Rio Amazonas e seu descobrimento, tomemos como referência o imperador espanhol Carlos V, no século XVI.

No continente europeu, Carlos V era soberano das Penínsulas Ibérica e Itálica, bem como de outras numerosas províncias. Possuía domínios na África, na Índia e em vários arquipélagos do Extremo Oriente, além de reinar também sobre a maior parte da América.

Não obstante, para governar um território tão amplo como o nosso, era necessário primeiro conhecê-lo, e para isso foi enviado um hábil corpo de exploradores que perscrutaram as riquezas destas longínquas terras.



Carlos V.



Vicente Pizón.

Museu Naval - Madrid

Um desses exploradores foi Vicente Pizón. Segundo alguns historiadores, ele foi o primeiro explorador a contemplar o Rio Amazonas, ainda no ano de 1500. O imenso rio foi batizado pelo explorador de *Río Santa María del Mar Dulce* (*Rio Santa Maria do Mar Doce*), em homenagem Àquela que o tinha protegido contra tantos perigos encontrados ao longo de sua expedição. Graças a esta proteção, ele, por fim, pôde conhecer o oceano de águas doces.

No entanto, Pizón tenha sido o primeiro a contemplar o grande Rio Amazonas, não foi o primeiro europeu a navegar por toda a extensão de suas águas, cujo tamanho, perigo e riqueza eram ainda desconhecidos. Em 1541, Francisco Orellana (1490-1550), em busca do lendário *El Dorado*, começou a exploração do rio sagrado que os incas chamavam de *Rio Orinoco*, na Venezuela, por sua imensa quantidade de ouro.

O descobridor penetrou na Amazônia deparando-se com um rio ainda maior que o Orinoco, podendo descrever uma incrível viagem pelo extraordinário emaranhado de afluentes.

Em certo ponto da viagem, Orellana travou um acirrado combate com mulheres guerreiras que lhes disparavam flechas e dardos de zarabatana. Voltando à Europa, narrou o fato a Carlos V, que, inspirado nas guerreiras hititas da mitologia clássica, conhecidas como guerreiras amazonas, as quais portavam arcos e montavam cavalos de guerra, passou a chamar o rio de Rio Amazonas.



Francisco de Orellana

O explorador Orellana descreveu as amazonas do Rio sul-americano como “*mulheres altas e adestradas ao combate. Habitavam casas de pedra e acumulavam metais preciosos*”. Na verdade, era a tribo dos *yaguas*, indígenas que usam uma longa cabeleira e ainda hoje habitam a região da confluência dos rios Napo e Negro.

POROROCA

Nos estados do Amapá, Pará e Maranhão, ocorre um fenômeno natural famoso mundialmente chamado Pororoca, que significa “estrondo” na língua tupi.

Trata-se de grandes e violentas ondas formadas a partir do encontro das águas do Oceano Atlântico com as águas doces que vêm dos afluentes do Rio Amazonas, percorrendo dezenas de quilômetros, a uma velocidade de cerca de 40 km/h.



Ondas da Pororoca

No Pará, ela ocorre na foz do Rio Amazonas; no Maranhão, ocorre no Rio Mearim; e no Amapá, ocorre no Rio Araguari.

Após o oceano ter suas águas empurradas cerca de 160 km pelo Rio Amazonas, onde a salinidade marinha é muito baixa, quando a maré sobe, o oceano invade o rio formando ondas que chegam a uma altura de até seis metros, a uma velocidade de mais de 40 km/h.

A causa desse soerguimento da maré está ligada à mudança das fases da Lua, principalmente nos equinócios da primavera e do outono, o que aumenta a força das águas do oceano, ocasionando grande barulho. Pode-se prever a pororoca com duas horas de antecedência, pois a força da água vinda da cabeceira provocava um barulho muito forte e inconfundível.

Momentos antes de sua chegada cessa o barulho, reinando grande silêncio. Isto representa um sinal de que é melhor garantir um local seguro, pois a força da água vai causar um enorme estrago, tomando vastas áreas de várzea e campestres, engolindo tudo o que vê pela frente.

Muitas pessoas do mundo inteiro costumam aproveitar o momento para registrar o fenômeno de perto e praticar surfe, havendo até mesmo campeonatos no Maranhão, no Pará e no Amapá.

No entanto, no estado do Amapá, onde o fenômeno era mais evidente, a pororoca já não ocorre. Desde o início da década de 2010, devido ao progressivo processo de erosão do Canal do Urucurituba, à instalação de hidrelétricas e ao pisoteio de búfalos que são criados na região, quase toda a água do Rio Araguari foi desviada para o Rio Amazonas, impossibilitando a ocorrência desse incrível fenômeno.

O fenômeno da pororoca não ocorre somente no Brasil; em muitos países acontece o mesmo, porém com outras denominações.

AMAZÔNIA E SAARA

A Amazônia é a maior floresta tropical úmida da Terra. E o Saara é o maior e mais quente deserto do mundo. Na aparência, não há nada de mais discrepante e sem relação. Uma imensa selva verde úmida no coração da América do Sul, e um intermínio areal, composto de poeira e de pedra, onde sopram ventos ardentes no Norte da África.

Mais de cinco mil quilômetros separam a Floresta Amazônica do Deserto do Saara. Mas, apesar de distantes, os dois lugares têm uma relação tão estreita que acaba se tornando até uma relação de dependência da primeira em relação ao segundo.

Se, porventura, os dois estivessem vitalmente unidos e o mais pleno de vida dependesse do mais morto para sobreviver, quem ou o que poderia ter criado essa inter-relação? Por certo, uma interdependência tão profunda foge à imaginação humana e a

qualquer procedimento também humano.

Há, porém, um fenômeno que envolve ventos e minérios sem vida e que sustenta a vida vegetal e animal na maior floresta tropical úmida do planeta. Chegando ao 3º milênio, a ciência, com seus mais avançados



instrumentos, pôde documentar e mensurar este fenômeno colossal. Ele une essas duas imensas realidades geográficas tão diferentes passando por cima de um oceano.

Pela primeira vez um satélite da NASA determinou a quantidade de poeira do Saara trazida pelos ventos por cima do Oceano Atlântico. E calculou não só a poeira, mas também o fósforo que vem no meio dela: 22.000 toneladas de fertilizante puro, do qual a Amazônia depende para existir.

Parte dessa areia fica na Depressão de Bodélé, no Chade, um antigo lago seco cujas rochas compostas por micro-organismos mortos estão carregadas de fósforo, e, devido à sua geografia, a região é atingida por constantes e gigantescas tempestades de areia. O vento é tão forte que consegue



carregar a areia rica em fósforo por quase 5 mil quilômetros até a América do Sul.

O fósforo é um elemento raro na floresta, mas muito importante para sua biodiversidade. A água da chuva e dos rios carrega o fósforo da matéria orgânica em decomposição no solo amazônico, impedindo que ele se deposite e alimente as plantas locais. As 22 mil toneladas de fósforo que chegam à floresta amazônica são quase a mesma quantidade que a mata produz com a decomposição das árvores caídas mas que, em seguida, perde com as chuvas e as inundações.

A equipe comparou o conteúdo de fósforo da poeira do Saara na depressão de Bodélé com dados das estações científicas de Barbados, no Caribe, e de Miami, nos EUA. Os resultados do estudo foram publicados na *Geophysical Research Letters*, revista da *American Geophysical Union*, e os dados foram coletados pelo satélite Calipso, da NASA, entre 2007 e 2013.



Imagem representativa da nuvem de poeira.

O *Goddard Space Flight Center*, da Nasa, identificou que, no total, os ventos carregam cada ano 182 milhões de toneladas de poeira para fora do continente africano — volume equivalente à capacidade de carga de 689.290 caminhões. Deste volume, cerca de 27,7 milhões de toneladas de poeira do Saara são depositadas anualmente na Amazônia — o equivalente a 105 mil caminhões —, tendo o fósforo um correspondente de apenas 0,08%.

No total, a poeira viaja 2.800 quilômetros sobre o Oceano Atlântico, até cair na superfície, arrastada pela chuva. É o maior transporte de poeira do planeta. No entanto, há importantes variações segundo os anos, dependendo dos ventos e de outros fatores.

Segundo Paulo Artaxo, físico do Instituto de Física da Universidade de São Paulo (IF-USP), este fenômeno de transporte ocorre todos os anos, atingindo, principalmente, a parte norte da Amazônia, mas já foi registrado também na área central da região.

Ele começa com as tempestades no Saara, que levantam toneladas de poeira e areia. Esse material é transportado de lá, por cima do Oceano Atlântico, até a Floresta Amazônica.

“Isso ocorre de fevereiro a maio, pois, nesta época, a chamada Zona de Convergência Intertropical (ZCIT) fica ao sul de Manaus, favorecendo o transporte de massas de ar do hemisfério Norte para a Amazônia Central”, explica Artaxo.

Artaxo diz ainda que, para que haja chuva, são necessários três ingredientes básicos: vapor de água, condições termodinâmicas ideais e as partículas que servirão de meio para que o vapor possa se condensar. Os grãos de poeira do Saara, que também podem ser chamados de aerossóis, operam como uma destas partículas em que o vapor de água se condensa.

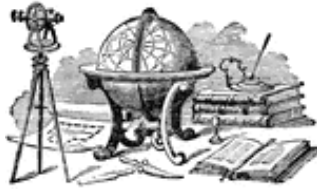
Dessa maneira, o deserto morto, de certo modo, sustenta a vida na exuberante Floresta Amazônica. Podemos até dizer que, sem o deserto, a Amazônia não existiria. Quem teria imaginado algo tão extraordinário funcionando há milênios como uma engrenagem supremamente sábia?

ATIVIDADES

1. Sobre o Rio Amazonas, responda:

- a) Por que recebe este nome? Qual foi seu nome anterior?
- b) Descreva o fenômeno chamado Pororoca? Por que deixou de existir no estado do Amapá?

2. Qual é a relação do Saara com a Amazonas?



AULA 30

OS LÁBAROS LUSOS

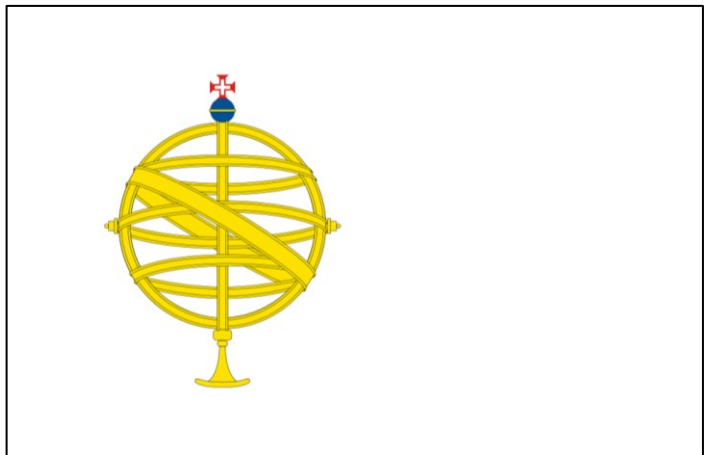
SEGUNDA BANDEIRA: “PRINCIPADO DO BRASIL” (1645-1816)



pós a bandeira da Ordem de Cristo, a segunda bandeira que representava a nossa nação foi a do Principado. As bandeiras dos reis portugueses hasteadas no mesmo período, como dissemos, representavam não uma terra/lugar, mas um rei.

Esta foi a primeira bandeira elaborada pelos portugueses especialmente para o Brasil. Contudo, não devemos ver esta bandeira como a primeira de nossa nacionalidade, pois não éramos uma nação soberana.

No reinado de D. João IV, pensou-se em tornar o Brasil sede do reino português, ideia essa que foi retomada tempos depois por D. João VI, pai do futuro imperador do Brasil, Dom Pedro I. Aquele monarca, atendendo a sugestões do Padre Antônio Vieira, criara a “Companhia de Comércio para o Estado do Brasil”, somando-se a isso o feito de João



Fernandes Vieira, que obtivera uma grande vitória em Pernambuco sobre os holandeses, que haviam invadido e tomado terras nordestinas, desde 1616.

Todos estes motivos levaram o soberano português a conceder ao filho Teodósio o título de “Príncipe do Brasil”. Desde então, esse título sempre seria usado pelos herdeiros da coroa.

Com esse ato, as terras de além-mar, na América, eram elevadas à categoria de principado, como parte integrante da nação portuguesa. Reconhecia-se e recompensava-

se assim o espírito aguerrido dos brasileiros, prestigiados pelo fato do Brasil estar passando por um novo estágio, graças ao comércio.

A bandeira do Principado do Brasil tinha fundo branco com uma esfera armilar dourada, encimada por um globo azul, com zona de ouro. Sobre o globo aparecia a Cruz da Ordem de Cristo. A esfera é composta de dez círculos ou armilas, que era um dos instrumentos usados no aprendizado da arte da navegação.

Contudo, apesar de o Brasil ter sido elevado a Principado, essa bandeira não possuía um alvará ou decreto de existência, ou seja, não poderia ser considerada oficial. Isto foi, inclusive, pauta de discussão dentro do [Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro](#), em uma sessão ocorrida em 1938, quando se tratou das bandeiras históricas do Brasil, chegando-se ao consenso de que, apesar de essa bandeira ser utilizada para navegação ao Brasil, ela não poderia ser considerada uma bandeira oficial do Estado do Brasil, por não haver alvará ou decreto que a tivesse instituído.

Mesmo assim, com alvará ou sem ele, fato é que a esfera armilar dourada de Dom Manuel I esteve estampada, por mais de 160 anos, nas bandeiras, nas moedas e nos selos brasileiros.

Ademais, existem controvérsias quanto ao real nome adotado para o pavilhão: ‘Bandeira da Companhia de Comércio para o Estado do Brasil’ segundo Pereira Lessa; ‘Bandeira particular do Brasil’ segundo Eduardo Prado; ‘Bandeira da Esfera’ (Comércio e Principado do Brasil) segundo a Enciclopédia Barsa (v. 3, p. 24-25). Não se pode ignorar que a nova insígnia funcionou com destaque como bandeira comercial, porém a designação de ‘Bandeira do Principado do Brasil’ se coaduna melhor com as razões históricas.

TERCEIRA BANDEIRA: “REINO UNIDO DE PORTUGAL, BRASIL E ALGARVES” (1816-1822)

No início do século XIX, Dom João VI (1767-1826) se tornou príncipe-regente de Portugal, posição adquirida devido à invalidez de D. Maria I. Ele, sua família e mais 15 mil pessoas vieram para o Brasil em 1808, por causa das perseguições do líder francês Napoleão e para levar a cabo o antigo plano de transposição da capital do Império Lusitano para o Brasil.

Foi formado, então, o Reino Unido Portugal, Brasil e Algarves, em 1815, e a cidade do Rio de Janeiro se tornou a nova capital do Império Lusitano (já o era do Brasil). No ano seguinte, para tornar o ato oficial, foi criada a bandeira dos três reinos. Nesta mesma data, D. Maria I morre e D. João VI é coroado rei de Portugal. Um de seus primeiros decretos, no dia 13 de maio de 1816, é o de levantar a nova bandeira com um novo brasão das armas nacionais:

“I. Que o Reino do Brasil tenha por armas uma esfera armilar de ouro em campo azul.

II. Que o escudo real português, inscrito na dita esfera armilar de ouro em campo azul, com uma coroa sobreposta, fique sendo de hoje em diante as armas do Reino Unido de Portugal, e do Brasil e Algarves, e das mais partes integrantes da minha monarquia.



III. Que estas novas armas sejam, por conseguinte, as que uniformemente se hajam de empregar em todos os estandartes, bandeira, selos reais, e cunho de moedas, assim como em tudo o mais, em que até agora se tenha feito uso das armas precedentes.”

Assim sendo, estava criada a Bandeira do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. E termina dizendo: “dá armas ao Reino do Brasil e incorpora em um só escudo real as armas de Portugal, Brasil e Algarves”.

O Brasil está representado nesta bandeira pela esfera armilar de ouro, em campo azul, que passou a constituir as armas do Brasil Reino.

Contudo, em 1821, as Cortes Constituintes portuguesas decretaram que o campo da bandeira fosse azul e branca, “por serem cores do escudo de Afonso Henriques”. Nela desaparecia a esfera armilar, como se a Bandeira Constitucional já não representasse o Reino Unido, como podemos observar a seguir:

Um ano depois de instituída esta bandeira, as cores do escudo de Afonso Henriques, apostas no tope dos uniformes militares de D. Pedro I e de sua guarda de honra, eram arrancadas na colina do Ipiranga, no célebre Sete de Setembro de 1822, como veremos a seguir.



Bandeira do Regime Constitucional

ATIVIDADES

1. Qual é o contexto histórico para o surgimento da bandeira do principado do Brasil?
2. Dê as principais características da bandeira do principado do Brasil.
3. Por que motivo a família real portuguesa veio para o Brasil, no início do século XIX?
4. Qual é a terceira bandeira oficial do Brasil? Dê as suas principais características.



AULA 35

OUTROS HINOS BRASILEIROS

HINO DA INDEPENDÊNCIA



Hino da Independência foi composto pelo fluminense **Evaristo Ferreira da Veiga e Barros** (1799-1837), que era livreiro, jornalista, político e poeta. A maior parte da composição que se inicia com os versos “já podeis da pátria filhos” é anterior ao grito do Ipiranga e data de agosto de 1822. Favorável à independência, Evaristo da Veiga escreveu o poema, que intitulou “*Hino Constitucional Brasiliense*” e o fez publicar.

O poema agradou ao público da Corte fluminense e foi musicada pelo então famoso maestro **Marcos Antônio da Fonseca Portugal** (1760-1830), que havia sido professor de música do jovem príncipe Dom Pedro – imperador D. Pedro I, após a proclamação da Independência.

Sendo um amante das artes musicais, Dom Pedro I afeiçãoou-se aos versos de Evaristo da Veiga e resolveu compor ele mesmo uma música para o poema, criando assim aquele que se tornaria o “Hino da Independência”. Segundo a tradição, a melodia foi composta no mesmo dia em que ele proclamou a Independência, no dia 7 de setembro de 1822, mas passou a substituir a melodia de Marcos Portugal, oficialmente, em 1824.

Após a abdicação de D. Pedro I, em 1831, o Hino foi sendo paulatinamente esquecido. Somente em 1922, durante o centenário da Independência, voltou a ser executado, porém, com a melodia de Marcos Portugal. Na década de 1930, durante o governo de Getúlio Vargas, criou-se uma comissão para estabelecer definitivamente os hinos brasileiros de acordo com seus originais. Para o Hino da Independência, ganhou a versão de D. Pedro I,



Dom Pedro I compondo o Hino.

considerada, por alguns especialistas, bem mais simples do que a do seu mestre. Fazia parte dessa comissão o famoso compositor Villa-Lobos.

HINO DA INDEPENDÊNCIA

*Já podeis da Pátria filhos,
Ver contente a mãe gentil;
Já raiou a liberdade
No horizonte do Brasil
Brava gente brasileira!
Longe vá temor servil
Ou ficar a Pátria livre
Ou morrer pelo Brasil
Os grilhões que nos forjava
Da perfídia astuto ardil
Houve mão mais poderosa
Zombou deles o Brasil
Brava gente brasileira!
Longe vá temor servil
Ou ficar a Pátria livre
Ou morrer pelo Brasil*

*Não temeis ímpias falanges
Que apresentam face hostil;
Vossos peitos, vossos braços
São muralhas do Brasil
Brava gente brasileira!
Longe vá temor servil
Ou ficar a Pátria livre
Ou morrer pelo Brasil
Parabéns, ó! brasileiros!
Já, com garbo varonil,
Do universo entre as nações
Resplandece a do Brasil
Brava gente brasileira!
Longe vá... temor servil
Ou ficar a Pátria livre
Ou morrer pelo Brasil*



HINO À BANDEIRA

O Hino à Bandeira surgiu no início do século XX, a partir de um pedido feito por Francisco Pereira Passos, prefeito da cidade do Rio de Janeiro na época, ao poeta Olavo Bilac (1865-1918). O pedido era que o poeta compusesse algo que fosse uma homenagem à Bandeira Nacional. A criação da melodia apropriada ficou a cargo do professor Francisco Braga (1868-1945), da Escola Nacional de Música.

O Hino foi adotado pela prefeitura do Rio de Janeiro em 1906, passando a ser cantado em todas as escolas da cidade. Com o tempo, a execução do Hino foi se estendendo a corporações militares e às demais unidades da Federação, tornando-se, por fim, o Hino à Bandeira Nacional.

HINO À BANDEIRA

Salve, lindo pendão da esperança,
Salve, símbolo augusto da paz!
Tua nobre presença à lembrança
A grandeza da Pátria nos traz.

Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito juvenil,
Querido símbolo da terra,
Da amada terra do Brasil!

Em teu seio formoso retratas
Este céu de puríssimo azul,
A verdura sem par destas matas,
E o esplendor do Cruzeiro do Sul.

Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito juvenil,
Querido símbolo da terra,
Da amada terra do Brasil!

Contemplando o teu vulto
sagrado,
Compreendemos o nosso dever;
E o Brasil, por seus filhos amado,
Poderoso e feliz há de ser.

Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito juvenil,
Querido símbolo da terra,
Da amada terra do Brasil!

Sobre a imensa Nação Brasileira,
Nos momentos de festa ou de dor,
Paira sempre, sagrada bandeira,
Pavilhão da Justiça e do Amor!

Recebe o afeto que se encerra
Em nosso peito juvenil,
Querido símbolo da terra,
Da amada terra do Brasil!

- **Pendão:** bandeira, estandarte.
- **Augusto:** digno de respeito, solene, imponente.
- **Formoso:** belo, perfeito.
- **Vulto:** semblante, fisionomia.
- **Pavilhão:** bandeira, estandarte.

HINO À PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

Como dissemos anteriormente, mesmo quando a República foi instaurada no Brasil, seu primeiro presidente, Marechal Deodoro da Fonseca, não quis fazer do Hino à Proclamação da República o louvor nacional, fazendo permanecer o Hino Nacional anterior, ao menos a melodia. A propósito, por cerca de 30 anos o Hino Nacional Brasileiro não possuiu um poema, apenas a melodia para ser tocada.

Já ressaltamos também que o Brasil, ao se tornar uma República, deveria deixar os principais sinais da antiga Monarquia, segundo os novos regentes. Por isso, o Marechal teve de realizar um concurso para o novo Hino Nacional.

Na ocasião, os vencedores da disputa haviam sido José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque (1867-1934), autor do poema do novo Hino, e Leopoldo Miguez (1850-1902), da melodia. Mesmo o Marechal não escolhendo o Hino composto por estes dois artistas, não descartou seu trabalho, tornando-o o Hino oficial da Proclamação da República, através do Decreto nº 171, de 20 de janeiro de 1890, o mesmo que tornou oficial o Hino Nacional vigente até a atualidade.



Joaquim Medeiros.

Seja um pálio de luz desdobrado
Sob a larga amplidão destes céus
Este canto rebel, que o passado
Vem remir dos mais torpes labéus!

Seja um hino de glória que fale
De esperanças de um novo porvir!
Com visões de triunfos embale
Quem por ele lutando surgir!

Liberdade! Liberdade!
Abre as asas sobre nós
Das lutas na tempestade
Dá que ouçamos tua voz



Leopoldo Miguez.

Se é mister que de peitos valentes
Haja sangue em nosso pendão
Sangue vivo do herói Tiradentes
Batizou neste audaz pavilhão!

Mensageiro de paz, paz queremos
É de amor nossa força e poder
Mas da guerra, nos transes supremos
Eis de ver-nos lutar e vencer!

Liberdade! Liberdade!
Abre as asas sobre nós
Das lutas na tempestade
Dá que ouçamos tua voz

Nós nem cremos que escravos outrora
Tenha havido em tão nobre País
Hoje o rubro lampejo da aurora
Acha irmãos, não tiranos hostis

Somos todos iguais! Ao futuro
Saberemos, unidos, levar
Nosso augusto estandarte que, puro
Brilha, ovante, da Pátria no altar!

Liberdade! Liberdade!
Abre as asas sobre nós
Das lutas na tempestade
Dá que ouçamos tua voz

Do Ipiranga é preciso que o brado
Seja um grito soberbo de fé!
O Brasil já surgiu libertado
Sobre as púrpuras régias de pé

Eia, pois, brasileiros avante!
Verdes louros colhamos louçãos!
Seja o nosso País triunfante
Livre terra de livres irmãos!

Liberdade! Liberdade!
Abre as asas sobre nós!
Das lutas na tempestade
Dá que ouçamos tua voz!

Pálio: manto.

Rebel: revoltoso.

Torpes: repugnantes.

Labéus: desonras.

Porvir: tempo futuro.

Rubro: vermelho.

Lampejo: clarão.

Aurora: nascer do sol.

Tiranos: governantes cruéis.

Hostis: inimigos.

Augusto: majestoso.

Estandarte: bandeira.

Ovante: vitorioso.

Mister: necessário.

Pendão: bandeira.

Audaz: corajoso.

Pavilhão: pequena construção isolada.

Trances supremos: momentos decisivos.

Soberbo: orgulhoso.

Púrpuras: vermelhos-escuros.

Régias: reais.

Louçãos: vistosos.

ATIVIDADES

1. Escreva o nome dos autores que compuseram o poema e a melodia de cada Hino apresentado nesta lição.
2. Como se deu a criação do Hino à Bandeira?
3. Decore cada um dos hinos aprendidos e cante-o para seus pais.

